



# Funcionário público, professor, trabalhador, feliz, equilibrado, tranquilo... e produtivo

Eugenio Avila Pedrozo

O presente texto trata de duas ideias correntes atuais, porém aparentemente paradoxais. De um lado, que funcionário público trabalha pouco e, de outro lado, que ser academicamente produtivo é um fardo na sua carreira. A questão da produtividade estabelecida pela Capes, para avaliação de cursos de graduação e, principalmente, de pós-graduação (mestrado e doutorado), é cada vez mais questionada em nosso meio, pois, aparentemente, diminuiria nossa qualidade de vida. Trata-se de um depoimento simples, individual, de caráter pessoal. São 15 anos de dedicação acadêmica na graduação e pós-graduação strictu sensu. Foram 330 créditos de aulas entre graduação e pós, 94 orientações concluídas de mestrado e doutorado, mais de 80 publicações em periódicos do Qualis/Capes, mais de 200 publicações em anais de eventos e participação em mais de quatrocentas bancas de mestres e doutores, dentre outras atividades. Apesar da denominação "outras atividades", estas podem ocupar uma grande parte do nosso tempo: avaliação de projetos de pesquisa; avaliação de artigos de revistas e de eventos; participação na organização dos mesmos; tomar parte em bancas de seleção de alunos e professores substitutos; conduzir grupos de pesquisa; participação em eventos; ministrar palestras; atividades administrativas; etc. Esses dados a respeito de nossas atividades, mesmo sendo parciais, indicam que essas duas ideias, no presente caso, seriam falsas. E não se trata de um caso único ou isolado, em nosso meio.

Dentre outras questões, pode-se trazer algumas para esta discussão: Como isso é possível? Isso requereria trabalhar muito mais do que as jornadas estabelecidas legalmente? Isso exerceria uma pressão sobre a qualidade de vida, que poderia chegar à exaustão ou a um desequilíbrio? Vou tentar responder, pessoalmente, a primeira pergunta.

Pode-se começar pela paixão pelo que se faz. Quando se faz o que se gosta, mesmo leituras de vários dias de um projeto, dissertação ou tese, longos e aprofundados, quando interessantes, torna-se prazerosa. No meu caso, trabalho com construções artesanais, e normalmente de forma sistêmica,

inter ou transdisciplinar, com meus orientandos ou parceiros de pesquisa. Meus principais temas acadêmicos são: Sustentabilidade; complexidade; inter/transdisciplinaridade; multidimensionalidade; e análise multinível. E estes temas podem ou não fertilizar discussões mais tradicionais, como aprendizagem, inovação, estratégia (cooperação e competitividade) e relacionamentos inter-organizacionais. Ou ainda, usar discussões mais abertas a respeito dos temas tradicionais, possibilitando que, mesmo quando se trate dos temas tradicionais, procura-se trabalhá-los sob outras óticas. Peço licença para fazer um pequeno hiato, nesse ponto da discussão, para dizer que o que é visceral para mim é trabalhar Sustentabilidade ou desenvolvimento sustentável, como contribuição acadêmica e empírica, ou seja, para dar o meu quinhão de contribuição para superarmos o atual estágio de degradação social, ambiental e ética, no mínimo, que em muitos casos foram ultrapassados por decisões e ações individuais, organizacionais, institucionais e sociais. Retornemos agora à discussão acadêmica. É necessário realçar que se deve fazer isso com abertura e profundidade, o que requer muito trabalho e disposição para o professor e para o orientando, pois, assim, cada leitura ou discussão se torna um terreno fértil para uma nova criação. Por intermédio de uma "fertilização cruzada", catalisada pelo professor, cada leitura pode gerar insights para discussões com outros orientandos. Logicamente, isso requer muito tempo e dedicação, e também que não fiquemos restritos ao mesmo conhecimento em que fomos doutores, muitas vezes por toda a vida acadêmica, pois, cada nova leitura se transforma numa plataforma de conhecimento para as demais orientações, quando implementadas. Esse aprofundamento e criatividade são ainda mais necessários quando se opta por não seguir o mainstream acadêmico, em termos teóricos e metodológicos. E isto é algo que poderia dificultar tanto novas publicações quanto atingir os níveis requeridos de publicação. Nesse caso, isto é um sinônimo de produtividade, que é um requisito para ser professor permanente da pós-graduação. Aliás, esse é outro elemento de pressão. Atribuímos a nós mesmos que queremos ser professores colaboradores ou permanentes de pós strictu sensu, permanentemente. Particularmente, preparei-me, mentalmente, para possíveis interregnos de publicação, com a consequente retirada do grupo de pós, seguindo regras claras, válidas para todos, como as emanadas pela Capes. Felizmente, nunca aconteceu ainda. Creio que os coordenadores dos cursos sonhariam com essa postura. Mas, infelizmente, de maneira geral, achamos que nossa reputação seria maculada por uma eventual saída do grupo de professores da pós, mesmo que pudéssemos voltar logo em seguida, quando o nosso volume de publicações voltasse ao padrão requerido.

Mas voltemos às nossas respostas. Talvez, o sujeito central de todo esse processo sejam os meus orientandos. Pois, como eles antecipadamente já sabem, que terão que trabalhar muito comigo. E não poderão repetir trabalhos anteriores, quase que semiprontos, acrescentando-lhes apenas "um passo a mais", impostos ou não, para que possam ser executados. Isso só pode ser superado por intermédio da motivação. Assim, o orientando pode-se sentir seguro pela nossa coparticipação e, talvez mais importante, amparado, nos momentos em que, aparentemente, "emperrou", não avança um milímetro a mais, pois, chegou aos limites do seu conhecimento, energia ou exaustão mental. Esses travamentos são normais e podem ocorrer algumas

vezes ao longo do processo criativo. E talvez seja nesses momentos que ocorre outro efeito do processo que é a transformação, ou seja, quando, na discussão, se encontra novos caminhos. E muitos deles, nunca antes imaginado por eles mesmos. Por isso sou crítico aos processos que exigem que o aluno desenvolva a proposta apresentada como candidato. Afinal, qual seria a contribuição do programa se isso acontecesse? Esse avanço ou transformação acadêmica, normalmente um sonho para o aluno, para mim, é a principal retribuição para o orientador, até que o orientando adquira a maturidade necessária para desenvolver por si mesmo a pesquisa, principalmente, mas, também, que esteja preparado para o ensino e para fazer as publicações. Essa autonomia deveria ocorrer no final da orientação. Dessa maneira, cria-se uma retroalimentação positiva entre motivação e transformação dos orientandos, que seria o paradoxo aparente, mencionado no início, transforme a enorme carga de trabalho em algo leve, prazeroso e produtivo.

Além da relação no dia a dia, fiz explicitamente o meu reconhecimento aos meus orientandos, ao reunir muitos deles, creio que em 2004, numa festa denominada "Eugenio a 100", quando completei 50 anos de idade e 50 orientandos. Já antecipadamente, convido-os, novamente, talvez, brevemente, para a próxima "Eugenio a 160", ou um pouco menos, quando completaremos 100 parcerias. Talvez, tudo tenha sido possível por sermos alimentados pela melhor energia que existe: as injeções de sonhos em nossas veias e alma. Sonhos que ajudamos a construir, finalizar e compartilhar, posteriormente, quando de seus sucessos no Brasil e no mundo.